

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS EM OFICINAS COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS)

The use of audio visual resources with users of a psychosocial attention center (CAPS)

Lucélia Almeida Andrade¹

Iara Cristine Rodrigues Leal Lima²

Thelma Maria Grisi Velôso³

Artigo encaminhado: 15/03/2016

Aceito para publicação: 29/04/2016

RESUMO: Neste artigo, objetiva-se refletir sobre as contribuições da utilização de recursos audiovisuais em intervenções psicossociais, no âmbito da saúde mental, a partir de duas experiências de trabalho desenvolvidas num Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III (Campina Grande/Paraíba). Nessas práticas, recorreremos à Psicologia Social Comunitária, em diálogo com a Educação Popular, e aos princípios que orientam a proposta de Reforma Psiquiátrica. Trata-se de duas experiências, facilitadas por meio de oficinas, com um grupo de usuários dessa instituição, com o objetivo de estimular a autonomia, o protagonismo social e a reflexão crítica, e de fomentar espaços de escuta e de problematização da realidade. Utilizando o recurso audiovisual, foram produzidos, juntamente com os usuários, dois vídeos, um documentário e um vídeo produzido através da técnica de *Stop Motion*. Nesse processo, os usuários assumiram um lugar de investigação, participação e criação de conteúdos. O uso do recurso audiovisual ampliou as possibilidades terapêuticas e potencializou a invenção de novos significados para a loucura, com a produção de narrativas, imagens e lugares possíveis para as pessoas em sofrimento psíquico. Os usuários foram atores e autores, que criaram e experimentaram novas formas de nomear a si mesmos e suas experiências, produzindo novos sentidos subjetivos. A arte foi utilizada como um recurso potente para promover saúde e cidadania e incluir as pessoas em sofrimento psíquico no contexto da Reforma Psiquiátrica.

Palavras-chave: Oficinas; CAPS; Linguagem audiovisual.

ABSTRACT: In this article, we aim at reflecting about the contributions of the use of audiovisual resources in psychosocial interventions in the realm of mental health, based on two experiences with actions carried out at a Psychosocial Attention Center– CAPS III (Campina Grande/Paraíba). In these actions, we used Social Community Psychology, as well as Popular Education together with the principles that make up the guidelines of the Psychiatric Reform. These two experiences carried out by means of workshops with a group of users of this institution, aiming at stimulating autonomy, social leadership, and critical reflection at the same time as they encourage listening opportunities and reality problematizing. By using the audiovisual resource, two videos were produced with the participation of the users: a documentary film and a video produced made use of Stop Motion technique. The users assume the roles of investigation, participation and creation

¹ Psicóloga. Especialista em andamento em Saúde Mental e Dependência Química pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Saúde (PPG/PS - UEPB). almeidaandrada.luca@gmail.com

² Psicóloga pela UEPB, especialista em Saúde Mental e Dependência Química pela Faculdade Integrada de Patos/FIP. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. iaracristinelima@gmail.com

³ Psicóloga pela UFPB. Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Serviço Social pela UFPB e professora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social (UEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde (UEPB). thelma.veloso@ig.com.br

of contents in this process. The use of audiovisual resources enlarged therapeutic possibilities and empowered the invention of new meanings for madness, with the production of narratives, images and places for people in psychic suffering. The users were both actors and authors who created and experimented new forms of naming themselves and their experiences, producing new subjective senses. Art was used as a powerful resource to promote health and citizenship and include people in psychic suffering within the context of the Psychiatric Reform.

Keywords: Workshops; CAPS; Audiovisual language.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o questionamento sobre o aparato manicomial teve como desdobramento um processo de lutas sociais que culminou com a proposta de Reforma Psiquiátrica, implementada como política pública a partir da Lei 10216/2001. Assim, começou uma transformação na assistência em saúde mental, que propiciou novas estratégias de cuidado para as pessoas em sofrimento psíquico.

Embora seja comum uma associação estrita da Reforma Psiquiátrica com a reestruturação dos serviços assistenciais, Amarante (2008) afirma tratar-se de um processo social complexo, que ocorre em diferentes dimensões (epistemológica, técnico-assistencial, político-jurídica e sociocultural), objetivando transformar as relações sociais estabelecidas com a loucura. De acordo com esse autor, a dimensão epistemológica envolve o esforço teórico para definir um novo objeto de conhecimento. A dimensão técnico-assistencial inclui a organização de novos modelos assistenciais, que redimensionam o papel dos serviços e dos técnicos. A dimensão político-jurídica propõe a revisão da legislação referente às pessoas em sofrimento psíquico, com a intenção de garantir direitos de cidadania e a construção de novas possibilidades de ingresso social. Já a dimensão sociocultural compreende a transformação de um imaginário social que sustenta o temor, a desqualificação e a exclusão da loucura, visando a práticas mais solidárias e de inclusão da diferença.

Cabe ressaltar que, conforme Godoy e Bosi (2007), a compreensão do conceito de desinstitucionalização, que constitui um dos princípios do movimento de Reforma Psiquiátrica, inclui a dimensão sociocultural, pois é nesse âmbito em que se propõe um deslocamento dos espaços estritamente “psi” para o meio social. Esse movimento requer uma articulação entre diferentes setores para a construção de redes que se estendam “na tessitura do espaço social, tornando-se cada vez menos técnicas e menos sanitizadas” (LOBOSQUE, 2011, p. 4590), incluindo ações culturais e artísticas.

Assim, na dimensão sociocultural, a liberdade para experimentações fora do lugar privilegiado de tratamento amplia as possibilidades terapêuticas e propicia a utilização de recursos de expressão socialmente valorizados. Nesse sentido, é estratégico recorrer aos dispositivos da arte e da cultura para produzir interlocuções (AMARANTE; RANGEL, 2009), objetivando mudar nosso modo de subjetivação, uma abertura para o “estranho em nós”, que é mais do que a simples aceitação da diferença. Trata-se, portanto, da construção de novos encontros sociais com a loucura.

A arte, no contexto dos serviços substitutivos, assume um papel importante, na medida em que incide na produção da cidadania dos usuários e se constitui como um recurso para humanizar as práticas em saúde mental (TAVARES; SOBRAL, 2005). Zanella (2004) entende que utilizar a arte é uma forma de estimular a criatividade, no sentido de romper com o episódico, problematizar formas de vida estereotipadas e convidar os sujeitos para experimentarem outras formas de perceber e criar novos significados e modos de viver. Partindo desse ponto de vista, objetivamos, neste artigo, refletir sobre as contribuições da linguagem audiovisual em intervenções psicossociais, no âmbito da saúde mental, a partir de duas experiências desenvolvidas num Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III (Campina Grande/PB).

Tais experiências foram desenvolvidas com o intuito de estimular a autonomia, o protagonismo social e a reflexão crítica dos usuários, através da realização de atividades em que houve um privilégio de suas potencialidades e incentivo a uma participação mais ativa e criativa. Para fundamentar essa prática, recorreremos aos pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Social Comunitária, em diálogo com a Educação Popular, e aos princípios que orientam a proposta de Reforma Psiquiátrica. A Psicologia Social Comunitária e a Educação Popular compreendem os sujeitos como uma realidade histórico-social. Esse entendimento fundamenta a proposição de uma práxis dialógica que, valorizando os saberes populares, estimule o desenvolvimento de uma consciência crítica, o exercício da autonomia e do protagonismo dos grupos sociais, a fim de promover transformações através do fomento à participação social (LANE, 2007; FREITAS, 2007).

2. CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO-OFICINA E A UTILIZAÇÃO DO RECURSO AUDIOVISUAL

As experiências das quais trataremos neste artigo foram desenvolvidas com a facilitação de oficinas desenvolvidas com um grupo de usuários do Centro de Atenção Psicossocial - CAPS III (Campina Grande/PB), como já mencionado, do qual participam usuários adultos, de ambos os sexos, residentes em Campina Grande. Alguns

começaram a frequentar o CAPS desde sua inauguração, enquanto outros iniciaram o tratamento na instituição há menos tempo. Trata-se, portanto, de um grupo aberto que, durante as experiências supracitadas, contou com a participação de quatro a onze usuários (adultos e adultos jovens, homens e mulheres) em cada encontro, que ocorria semanalmente.

Nessas oficinas, além da linguagem audiovisual, utilizamos vários recursos artísticos, como os exercícios e os jogos do Teatro do Oprimido (TO), o que possibilitou o reconhecimento do direito à imaginação, à criação e à potencialização das habilidades dos usuários. Para planejar as oficinas, seguimos as orientações metodológicas da Arteterapia, que propõe a divisão das oficinas em quatro momentos, quais sejam: sensibilização, expressão livre, transposição da linguagem não verbal para a verbal e avaliação (ALESSANDRINI, 2004).

Todas as oficinas foram iniciadas com um relaxamento, ao som de uma música, para estimular, principalmente, a concentração por meio de exercícios de respiração e alongamentos. No primeiro momento - o de sensibilização - objetivamos provocar uma reflexão acerca do tema da oficina. Para isso, recorremos aos exercícios e aos jogos, propostos pelo Teatro do Oprimido, ou a outras linguagens artísticas. Em seguida, na etapa de expressão livre, materializamos o tema da oficina através de expressões artísticas que priorizem a linguagem não verbal, como pintura, desenho, modelagem etc. No momento de transposição da linguagem não verbal para a verbal, há uma reflexão e discussão sobre o que foi produzido na etapa anterior, procurando ressignificar o fazer. O momento final das oficinas criativas é a avaliação. Utilizamos, nessa etapa, o “Círculo de Energia”⁴, com o objetivo de concluir a oficina e avaliá-la junto com os participantes. É nesse momento, como afirma Alessandrini (2004), em que ocorre a retomada do vivido num processo de percepção crítica e construção coletiva de novos conhecimentos. Essa etapa é, também, uma estratégia para fortalecer o compromisso do grupo com as atividades que foram realizadas na oficina e planejar as oficinas subsequentes.

Cabe destacar que o Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral empregado para desenvolver, em todos os participantes, formas de expressão, visando transformações pessoais, políticas e sociais. Referindo-se ao TO, Boal (2008a) afirma que é uma nova linguagem para conhecer e interpretar a realidade e transmitir esse conhecimento para os demais. Considerando, então, que o teatro é uma forma de

⁴ Nesse círculo, todos os participantes do grupo dão-se as mãos para que a energia possa circular por todo o grupo.

linguagem por excelência, o método possibilita o ensaio da vida real. Essa forma de teatro procura, também, desmecanizar o corpo, por meio de exercícios e de jogos teatrais, visando ampliar as capacidades corporais, ao propor atividades e movimentos que não estamos acostumados a fazer no cotidiano (BOAL, 2008b).

No que concerne à utilização dos recursos audiovisuais, produzimos um documentário e um vídeo. Para a realização deste último, utilizamos a técnica denominada *Stop Motion*. Essas duas experiências ocorreram em momentos distintos, portanto, em 2012, foi produzido o documentário, e em 2013, teve início o projeto, para cujo desenvolvimento se recorreu à técnica de *Stop Motion*. Vale enfatizar que as oficinas realizadas para viabilizar essas experiências privilegiaram a utilização da metodologia acima destacada.

Em síntese, nas primeiras oficinas referentes à produção do documentário, apresentamos a proposta e fizemos alguns encaminhamentos. Questões como organização, planejamento e compromisso necessários para concretizar o projeto foram discutidas.

Feitos esses encaminhamentos, teve início uma fase de discussão e aperfeiçoamento da ideia. Em grupo, priorizamos a discussão a respeito dos diversos gêneros cinematográficos, da problematização das condições concretas de produção, como materiais e equipamentos, que poderíamos acessar através de parcerias, e o que poderia ser produzido pelo grupo. Nas oficinas seguintes, foram exibidos dois curtas (ficção e documentário), um em cada oficina, com o objetivo de fornecer subsídios para a escolha do gênero a ser produzido pelo grupo e definir o que seria abordado no filme a ser produzido. A ideia de exibir os filmes com esse intuito foi de um dos usuários. Depois das exibições, um espaço de discussão sobre as impressões a respeito dos filmes foi facilitado, e isso possibilitou a opção pelo gênero documentário, que seria “ilustrado” com cenas fictícias, cujos atores seriam os próprios usuários. Em seguida, houve encontros para definir quais as histórias que seriam contadas no filme.

Na oficina seguinte, o grupo relatou esses encontros e, a partir daí, discutimos sobre as histórias que seriam contadas e sobre aspectos operacionais relativos à produção do filme, objetivando planejá-la. O processo culminou com a escolha das histórias de vida deles, com enfoque nos processos de internação em hospitais psiquiátricos e projetos de futuro. Depois desse encontro, facilitamos uma oficina, com o intuito de definir, juntamente com os usuários, o figurino, o cenário e o tempo de duração dos depoimentos.

Em seguida, reservamos outra oficina para gravar os depoimentos. Para isso, contamos com a contribuição de alunos do Curso de Arte e Mídia. Isso feito, promovemos uma oficina para definir, juntamente com os usuários, as cenas ficcionais que seriam gravadas. Houve um planejamento conjunto sobre o cenário e o figurino e todo o material necessário para sua confecção. O encontro posterior teve como objetivo filmar essas cenas. Realizamos, ainda, duas oficinas: uma para escolher o título do documentário (título escolhido: Um sonho de liberdade), e a outra, para planejar as estratégias de divulgação. Quanto ao processo de edição, os usuários participaram da definição da sequência de cenas que compõem o filme, da música que nos serviu de trilha sonora para as cenas fictícias etc. Antes da exibição, o grupo avaliou a produção, pontuando os últimos ajustes a serem feitos.

Por fim, o documentário foi exibido para uma plateia composta de técnicos e usuários do CAPS III. Depois desse momento, facilitamos um espaço de discussão, do qual os usuários foram os grandes protagonistas. Eles compartilharam a experiência de produzir um filme, participaram como atores e autores do processo, responderam às perguntas de técnicos e de usuários e receberam elogios.

A segunda experiência diz respeito à proposta de produção de um vídeo empregando a técnica do *Stop Motion*, em que se utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento, as quais são chamadas de quadros e, normalmente, são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal, é isso que dá a ideia de movimento (CIRIACO, 2009). Depois da apresentação dessa proposta e da aprovação do grupo, foram decididos os temas a serem trabalhados: saúde, educação, luta antimanicomial, cultura, habitação e trabalho.

Cabe ressaltar que o vídeo foi sendo produzido ao longo das oficinas. Ao finalizar a discussão de um tema, construíamos a cena relativa a ele. O primeiro tema discutido foi saúde. Eles decidiram que iriam focar a situação da saúde pública e da saúde mental. Para isso, discutiram sobre sua vivência quando estavam internados em um manicômio. Para retratar o tema no vídeo, foi construída uma cena em que uma pessoa passava mal e demorava a ser atendida e cenas de violência e desorientação dentro de um hospital psiquiátrico.

O segundo tema discutido foi educação. Eles falaram sobre a falta de respeito e de educação com os outros e do preconceito contra as pessoas que eram diferentes. Assim, com massa de modelar, o grupo fez uma árvore com flores de diversas cores, para representar a diversidade, que morriam porque não eram regadas, fazendo uma analogia

com a educação, que precisa de nosso empenho e dedicação. Também foi construída a cena em que um idoso era desrespeitado.

O terceiro tema não havia sido sugerido no início, mas, ao se aproximar a Semana da Luta Antimanicomial e por terem surgido alguns pontos referentes ao tema em discussões anteriores, o grupo achou necessário também incluir essa temática. Discutimos sobre o sofrimento e as injustiças cometidas antes da Reforma Psiquiátrica e das conquistas. No vídeo, criamos cenas em que apareciam estas duas frases: “Antes: sofrimento, angústia. Depois: liberdade”.

O quarto tema sobre o qual se discutiu foi cultura. Falamos das características culturais de hoje e de antigamente, apontando as mudanças positivas e negativas. Para o vídeo, o grupo desenhou pessoas bem diferentes para retratar a diversidade, chamando à atenção para a necessidade de se respeitar as diferenças, e escreveu palavras como educação, diversidade, amor, respeito e paz.

Para finalizar, discutimos sobre os temas habitação e trabalho, sobre a importância de termos um lar e um trabalho digno que nos deem prazer. Também abordamos a dificuldade por que passam as pessoas em sofrimento psíquico para conseguir trabalho. Esses temas foram retratados no vídeo a partir de várias cenas: um jovem procurando um emprego, um trabalhador chegando em casa e se confraternizando com sua família, e o trabalho de uma babá (antigo emprego de uma integrante do grupo).

Depois de editar o vídeo, decidimos os acertos finais, como título (título escolhido: A próxima atração) e trilha sonora, e o apresentamos para os profissionais e os usuários do CAPS presentes no dia divulgado para a exibição. Nesse momento, o grupo falou brevemente sobre o vídeo e sobre como foi construí-lo dando ênfase ao caráter terapêutico desse processo. Alguns expectadores elogiaram o trabalho e falaram sobre sua importância.

3. LINGUAGEM AUDIOVISUAL E SAÚDE MENTAL: IMPLICAÇÕES E DESDOBRAMENTOS

Recorremos à compreensão da arte como “forma de designação para aquilo que o louco expressa em seus trabalhos na oficina, seguindo outra linha que não aquela que estamos conectados cultural e mercadologicamente” (ÁVILA; FONSECA, 2007, p. 117).

A arte possibilita o reconhecimento do direito à imaginação, à criação e à potencialização das habilidades dos usuários, como já referido, e contribui para problematizar as condições de vida deles e questionar paradigmas que reforçam a

exclusão e o estigma social das pessoas em sofrimento psíquico. Produz uma forma diferente de lidar com a realidade e manifesta-se como potência, no sentido de desestabilizar formas de pensar e de sentir não só de quem a produz, mas também de quem a contempla (LIBERATO; BRITO; DIMENSTEIN, 2009). Assim, é capaz de produzir encontros e constitui um modo singular de resistência (LIMA, 2012), em que é possível falar sobre si mesmo.

Resgatar a possibilidade de criar, conforme Dionísio e Yasui (2012), significa ter um encontro profundo com o outro e produzir uma flexibilidade subjetiva que permita posicionar-se como coautor em relação ao vivido. Isso implica a construção do espaço-oficina como lugar de comunicação que, mediado pela arte, gera uma possibilidade de expressão transformadora. Assim, por meio da linguagem artística, é possível comunicar “o incomum, abarcando o inominável, o inútil, o caótico, elementos que, em geral, tendem a ser imediatamente solapados em favor de uma inteligibilidade qualquer.” (BUEALU, 2012, p. 132).

Essa compreensão sinaliza para o caráter político das produções artístico-culturais no contexto da Reforma Psiquiátrica. Há um esforço teórico (AMARANTE et al, 2012a; AMARANTE et al, 2012b), no sentido de afirmar o surgimento de um campo artístico-cultural no âmbito da atenção psicossocial, que tem sido palco da construção de uma nova relação da sociedade com a loucura em que aqueles sujeitos, tradicionalmente relegados ao papel de “doentes mentais”, assumem mais protagonismo (BASAGLIA, 2005 apud AMARANTE; RANGEL, 2009).

No que concerne à linguagem audiovisual, os filmes, como veículos de comunicação e forma de expressão, têm uma força social que “não pode ser negligenciada nem subestimada”, porque são “produtores de repertório de imagens, vocabulário, gostos, consumos e de memórias” (ZANINI; WEBER, 2010, p. 89). Carvalho e Santos (2011) asseveram que, na contemporaneidade, esse tipo de artefato tem sido um importante espaço de produção de conhecimento e uma forma de expressão e criação.

O processo de produção audiovisual, como uma ação artístico-cultural, destaca-se no contexto da Reforma Psiquiátrica, na medida em que possibilita que os próprios sujeitos falem de suas experiências, do seu sofrimento e da forma como estão no mundo e como o vêem. Permite a apropriação, a criação, a recriação e a transformação de imagens particulares, individuais, em imagens do mundo, através de uma linguagem peculiar de contar histórias que se revelam e se escondem nas narrativas (BRASIL, 2006).

Alves (2002) ressalta que a narrativa é uma instância privilegiada para se compreender como os sujeitos dão significado às suas histórias por meio de suas experiências e das relações estabelecidas ao longo de sua trajetória. Ao descrever situações ou acontecimentos, os usuários constroem imagens e discursos e sedimentam sua história, ao mesmo tempo em que ressignificam seu passado, seu presente e seu futuro, num “movimento de desdobramento, deixando vir o ‘de dentro’ para ‘fora’, libertando aquele que se refugia nos entres das envergaduras, agenciando no sujeito uma nova configuração do ser.” (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p. 113, grifos das autoras).

Esse movimento pode ser ilustrado com o posicionamento de um dos usuários durante a gravação dos depoimentos para o documentário. Muito marcado pela cronificação, ele levantou-se espontaneamente, foi o primeiro a se posicionar diante da câmera, surpreendeu a todas nós e contou-nos um tanto de suas memórias, apropriando-se desse instrumento tecnológico.

Assim, a utilização do recurso audiovisual contribuiu para que os usuários expusessem, a partir das imagens criadas, suas experiências e problematisassem as situações de opressão. Quando encenavam ou reproduziam algumas situações vivenciadas durante o tempo em que estavam internados, dialogavam com a violência e a opressão que sofreram não só durante o internamento, mas também na comunidade em que vivem.

No processo de produção do vídeo em *Stop Motion*, em cada cena escolhida para abordar os diferentes temas, os usuários refletiam sobre diversas situações. Ao criar as cenas relacionadas ao tema saúde, os usuários refletiram sobre a violência sofrida nos hospitais psiquiátricos e denunciaram o descaso na saúde pública.

A potência dessas experiências passa, também, pela possibilidade de criar e experimentar novas formas de nomearem a si mesmos e a suas experiências, como ocorreu com o personagem “Doença”, proposto por um dos usuários para ilustrar o documentário. Um ser fantasmagórico que, “ao aparecer e desaparecer”, estaria “rondando” os internos de um hospital psiquiátrico. Tal proposição deu margem a uma discussão que culminou com a transformação desse personagem em “Sofrimento”.

Mas há outra face do meio audiovisual que merece destaque. Fazemos referência às produções que utilizam a linguagem audiovisual e a apropriação técnica desse recurso como um instrumento na luta por reconhecimento social e fortalecimento de grupos historicamente excluídos e frequentemente estigmatizados. Portanto, nessas experiências, a produção audiovisual é uma via que pode contribuir para denunciar o

sofrimento, a violência e a exclusão social que as pessoas em sofrimento psíquico vivenciam.

Andrade (2013) alerta-nos sobre a impossibilidade de se pensar o audiovisual como um meio para atingir determinado objetivo, mas como algo que diz respeito ao conhecimento das nossas próprias potencialidades e como possibilidade de os sujeitos envolvidos ocuparem outros lugares além dos de espectadores, porquanto isso estimula o protagonismo social através da reinvenção de um saber-fazer. Essa compreensão acerca do audiovisual corrobora a ideia de “vídeo-processo” (MIRANDA, 2007), em que o fazer é coletivo e compartilhado e redimensiona a autoria.

Sobre a autoria, Spohr, Maraschin e Rainone (2009) afirmam que, ao assistirem à própria produção, os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos nas marcas de suas contribuições. Assim, essas experiências instauram espaços de deslocamento, com a invenção de lugares como ator, narrador, diretor e editor, no contexto dos serviços substitutivos, o que contribui para que os usuários tenham mais contatos com as tecnologias utilizadas, uma vez que, no processo de construção, procuramos ressaltar suas potencialidades e estimular a participação em todas as etapas do processo de produção audiovisual.

Torre e Amarante (2001), refletindo sobre as condições para a construção coletiva do protagonismo no contexto da Reforma Psiquiátrica, afirmam que é preciso deslocar o sujeito do lugar de “usuário-objeto” e criar formas concretas de produzir um “usuário-ator”, um sujeito político que deseja, constrói projetos e produz cidadania e subjetividade. Nessa perspectiva, a participação dos usuários em todo o processo de produção do documentário e do vídeo em *Stop Motion* foi valorizada com o objetivo de possibilitar o acesso e a publicização de discursos relegados à invisibilidade e ao silêncio.

Vale salientar que, apesar de esses materiais audiovisuais terem sido produzidos em momentos distintos, algumas inquietações dos usuários foram ressaltadas nas duas experiências. Então, era recorrente o relato dos usuários sobre a negação dos seus direitos e o sofrimento vivenciado nos períodos de internação, além do estigma e da exclusão social que sofrem. Além desses pontos de interlocução, a discussão sobre a transformação, no campo da saúde mental, com a Reforma Psiquiátrica, foi marcante em todo o processo.

Há, nesse fazer, segundo Miranda (2007, p. 210), “uma dimensão afirmativa (...) uma espécie de expressão de dignidade”. Um cuidado estético em problematizar o sofrimento que se pratica na construção de novos espaços de enunciação e de novas narrativas sobre si. Assim, sublinhamos, nessa experiência, não os resultados, mas o seu

caráter processual: do sofrimento à criação. A apropriação da linguagem audiovisual possibilita criar espaços de expressão em que a loucura possa comunicar sua diversidade e contribuir com o processo de desinstitucionalização.

Sobre esse aspecto, Araújo, Câmara e Ximenes (2012) asseveram que atividades artísticas coerentes com a proposta de desinstitucionalização devem romper com a “estética de ocupação de tempo”, tornando-se mecanismos de transformação da realidade social das pessoas em sofrimento psíquico.

A dimensão sociocultural é, fundamentalmente, um dispositivo social que congrega e articula pessoas, trabalhos e lugares. É a dimensão da “utopia ativa” de transformação social, cujo percurso se concretiza a cada gesto cotidiano de cuidado e acolhimento do sofrimento psíquico (YASUI, 2010).

4. CENAS FINAIS

O trabalho na área de saúde mental requer a construção de uma nova cultura que comporte a diversidade da loucura. Precisamos construir espaços e formas alternativas de definir e lidar com a diferença, objetivando criar, coletivamente, condições de vida mais dignas para as pessoas em sofrimento psíquico. Nesse sentido, o diálogo com a arte, estabelecido na dimensão sociocultural, é sobremaneira importante, uma vez que o estímulo à capacidade criativa tem desdobramentos nas posturas diante da vida.

Ao utilizar os recursos audiovisuais, os usuários puderam se apropriar do saber tecnológico, problematizar as imagens e as narrativas que constroem sobre si mesmos e reconhecer que podem assumir outros lugares para além do sofrimento psíquico. Foi possível estimular a autonomia e o protagonismo social, visando transformar práticas que oprimem e excluem as pessoas em sofrimento psíquico e potencializar a criação de novos significados para a loucura.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, Cristina Dias. **Análise microgenética da oficina criativa: Projeto de modelagem em argila**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ALVES, Paulo Cesar. Nervoso e experiência de fragilização: narrativa de mulheres idosas. In: MINAYO, Maria Cecília Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 153-174.

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

_____; RANGEL, Mariana. A liberdade é terapêutica: reinventando vidas na reforma psiquiátrica. **RECIIS - R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.3, n.4, p.10-16, dez. 2009.

_____ et al. Da diversidade da loucura à identidade da cultura: o movimento social cultural no campo da reforma psiquiátrica. **Cad. Bras. Saúde Mental**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 125-132, jan/jun 2012a.

_____ et al. Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais na saúde mental no território. In: _____; NOCAM, Fernanda. (Org.). **Saúde Mental e Arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012b, p. 23-38.

ANDRADE, Michely Peres. Apropriação audiovisual e o discurso do protagonismo juvenil na contemporaneidade. **Revista Temática**, João Pessoa, v.8, p. 1-25, agosto, 2013. Disponível em: <www.insite.pro.br> Acesso em: 22 maio. 2014.

ARAÚJO, Sicília Maria Moreira; CÂMARA, Cândida Maria Farias; XIMENES, Verônica Moraes. Arte e saúde comunitária: contribuições para a compreensão do processo de desinstitucionalização. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v.4, n.2, p. 106-115, 2012. Disponível em: <<http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/view/176/243>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

ÁVILA, Fátima; FONSECA, Tânia Maria Galli. A resistência de corpos que não agüentam mais: a oficina de criatividade em um contexto manicomial. **Vivência**. n. 32, p. 109-118, 2007.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.

_____. **Jogos para atores e não atores**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b.

BUELAU, Renata Monteiro. Ensaio de delicadeza e ousadia: uma experiência com o corpo na saúde mental. In: AMARANTE, Paulo; NOCAM, Fernanda. (Org.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012, p. 126-139.

BRASIL, Ministério da Educação. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

CARVALHO, Homero Teixeira; SANTOS, Tânia Cristina Pereira. Uma oficina para o audiovisual em saúde: relato de uma experiência. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.92-98, jun., 2011.

CIRIACO, D. **O que é Stop Motion?** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/player-de-video/2247-o-que-e-stop-motion-.htm>>. Acesso em: 22 out. 2012.

DIONISIO, Gustavo Henrique; YASUI, Silvio. Oficinas expressivas, estética e invenção. In: AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Org.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012, p. 53-65.

FREITAS, Maria Fátima Quintal. Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária – práticas da Psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 54-86.

GODOY, Maria Gabriela Curubeto; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. A Alteridade no discurso da reforma psiquiátrica brasileira face à ética radical de Lévinas. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 289-299, 2007.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In: CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 17-34.

LIBERATO, Mariana; BRITO, Monique; DIMENSTEIN, Magda. A experiência da dança como uma possibilidade de subjetivação no contexto da luta antimanicomial. In: DIMENSTEIN, M. (Org.). **Produção do conhecimento, agenciamentos e implicação no fazer pesquisa em Psicologia**. Natal: Editora da UFRN, 2009. p. 263-282.

LIMA, Elizabeth Araújo. Artes menores: criação de si e de mundos nas ações em saúde mental. In: AMARANTE, P.; NOCAM, F. (Org.). **Saúde mental e arte: práticas, saberes e debates**. São Paulo: Zagodoni, 2012, p. 39-52.

LOBOSQUE, Ana Marta. Debatendo alguns desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v.16, n. 12, p. 4590-4592, dez. 2011.

MAIRESSE, Denise; FONSECA, Tania Maria Galli. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. **Psicologia em Estudo**, v.7, n. 2, p. 111-116, jul/dez 2002.

MIRANDA, Luciana Lobo. Consumo e produção de subjetividade nas TVs comunitárias. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 19 - n. 1, p. 199-214, jan/jun 2007.

SPOHR, Fúlvia Silva; MARASCHIN, Cleci; RAINONE, Francilene. Tecnologias videográficas e a cognição inventiva em saúde mental. In: Encontro Nacional da ABRAPSO, 15., 2009, Maceió. **ANAIS DE TRABALHOS COMPLETOS - XV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO**. Maceió: Faculdade Integrada Tiradentes, 2009. Disponível em: <http://abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=67&Itemid=95>. Acesso em: 13 mar. 2016.

TAVARES, Claudia Mara Melo; SOBRAL, Vera Regina Salles. Avaliação das práticas de cuidar envolvendo arte no âmbito do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). **REME - Rev. Min. Enferm**, v. 9, n. 2, p. 121-125, abr/jun, 2005. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/>>. Acesso em 15 fev. 2016.

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães; AMARANTE, Paulo. Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.6, n.1, Rio de Janeiro, p.73-85, 2001.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de

pesquisadores: algumas reflexões. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.1, p. 135-145. 2004.

ZANINI, Maria Catarina; WEBER, Lucinéia Ines. Cinema sem pipoca, mas com debate: reflexões acerca do ensino e extensão em Antropologia. **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v.9, n. 7, p. 87-99, jul, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/18070221.2010v7n9p87/13036>> . Acesso em 02 mar. 2016.